

A MÁXIMA VIRTUDE DA CORAGEM MORAL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 11.01.1983

Em um admirável, programa de que participei na última semana, o Canal Livre da TV Bandeirantes entrevistou Barbosa Lima Sobrinho, o extraordinário homem público, historiador e jornalista, que, do alto dos seus 86 anos, afirmou com serenidade que o essencial na atividade política é ter a coragem de jamais desistir dos nossos objetivos porque eles são difíceis.

Com isso o presidente da Associação Brasileira de Imprensa não propunha que adotássemos objetivos inviáveis e depois passássemos a lutar autoritária ou utopicamente por eles. Ao invés, propunha um esforço permanente, que se transforme em vitórias possíveis, em favor de uma sociedade mais independente, mais justa, mais livre.

Nesse sentido as aspirações mais gerais da sociedade em direção ao socialismo não devem ser abandonadas. Barbosa Lima Sobrinho fez uma profissão de fé socialista. Mas o seu socialismo nada tem a ver com o regime implantado nas sociedades estatais. Nem depende da criação de partidos que tenham a sigla socialista. Conforme observou, o antigo Partido Social Democrático, o PSD, tinha a sigla do partido de Marx e no entanto era profundamente conservador. O que define o caráter socialista e democrático de um partido é sua constante luta pelas causas populares, é a sua fidelidade à democracia real, que permita aos trabalhadores em todos os níveis lutar por seus direitos pelos direitos humanos dos quais o entrevistado tem sido um dos campeões neste país ao invés de um problema de siglas ou de retórica.

Para que a democracia possa realmente existir é preciso que haja uma imprensa livre. Para isto, entretanto, não basta que os jornais possam dizer o que desejam. É preciso que os grandes jornais, como a Folha de S. Paulo, que o entrevistado citou especificamente, abram mais colunas para as diversas tendências, e é preciso que os pequenos jornais, a imprensa alternativa, possam existir e sobreviver.

Para que o país seja livre, nos anos cinquenta Barbosa Lima Sobrinho dirigia suas atenções especialmente para as multinacionais; agora, como toda a sociedade, preocupa-se com o endividamento externo, que, para ele, não poderá ser resolvido com uma anulação parcial dos débitos, como em uma concordata. Mas em ambos os casos o que se confirma é a sua tese básica, que foi título de um extraordinário livro que escreveu sobre o Japão: “O capital se faz em casa”.

E a democracia também se faz em casa. Por isso, a eleição de um novo Presidente da República por um colégio eleitoral completamente ilegítimo, constituído a partir de casuísmos eleitorais, é inaceitável. Só a eleição direta para Presidente da República, talvez combinada com a instalação de um regime parlamentarista, poderá nos reconduzir para o caminho da democracia.

Estes foram alguns dos momentos mais importantes da entrevista de Barbosa Lima Sobrinho. Juntamente com Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto, com os quais partilha aproximadamente a idade, o anti-candidato à vice-presidência da República em 1974 tem sido um dos campeões da democracia e dos direitos humanos neste país. A idade não o tornou mais cínico ou mais acomodado, como acontece a muitos, mas mais despreendido e mais capaz de exercer a máxima virtude: a coragem moral.(11/01)